

ESTUDOS
Sociedade e Agricultura

Estudos Sociedade e Agricultura

ISSN: 1413-0580

estudoscpda@gmail.com

Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro
Brasil

Schubert, Maycon; Schneider, Sergio; Díaz Méndez, Cecilia
O "comer fora de casa" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de
dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação
Estudos Sociedade e Agricultura, vol. 25, núm. 2, junio-septiembre, 2017, pp. 276-304
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=599964722004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Maycon Schubert¹
Sergio Schneider²
Cecilia Díaz Méndez³

O "*comer fora de casa*" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação

Introdução

Profundas transformações vêm ocorrendo nas sociedades contemporâneas, tanto de rupturas como de preservação das estruturas sociais, principalmente no que corresponde às mudanças tecnológicas, interculturais, novas formas de organização do trabalho e mobilizações políticas (CANCLINI, 2010, [1995]). Não obstante, outras mudanças podem ser percebidas na esfera dos comportamentos e das práticas individuais, entre elas a alimentação e o comer, ligados, principalmente, a quatro processos sociais mais amplos: a globalização, a mercantilização, a estetização e a eticização (WARDE, 2016; BARBOSA, 2016).

No mundo ocidental, o ato de "comer fora" é uma prática social relativamente nova, ligada à modernidade.⁴ A frequência com que os indivíduos, e seus coletivos, se dirigem aos estabelecimentos comerciais variados, para fins de ingestão de comida produzida fora do ambiente doméstico, vem se ampliando de forma significativa no período histórico recente (PITTE, 1998; MENNEL, *et al.*, 1992, WARDE e MARTENS, 2003 [2000]).

Todavia, segundo Díaz Méndez, *et al.* (2013), o "comer fora de casa" é uma prática alimentar de difícil conceituação. Estes autores, ao investigarem a

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em regime de cotutela com a Universidad de Oviedo (UNIOVI), Espanha. Bolsista CAPES. E-mail: maycon.schubert@gmail.com.

² Professor de Sociologia do Desenvolvimento Rural e Estudos Alimentares na UFRGS, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Desenvolvimento Rural (PGDR). Bolsista PQ/CNPq. E-mail: schneide@ufrgs.br.

³ Catedrática acreditada de Sociologia, desenvolve seu trabalho docente como professora titular no Departamento de Sociologia da UNIOVI. E-mail: cecilia@uniovi.es.

⁴ Esse não parece ser o caso do oriente de modo geral e da China em particular, onde há registros da existência de restaurantes, frequentados não só por "necessidades", decorrentes de viagens e trabalho, mas também por lazer, datados de 618 e 907 DC, ainda no império Chinês da dinastia T'ang. Portanto, muito antes do caso ocidental (BEARDSWORTH E KEIL, 1997, p. 104). Ver também Xiaomin, (2006).

realidade espanhola, em uma pesquisa realizada em 2012, deixaram a critério dos próprios entrevistados a definição do que vem a ser considerado uma prática do comer fora de casa, variando "[...] *pues para unos es comer en la restauración comercial, para otros es hacerlo con amigos y familiares e incluso llevar comida preparada de casa y comerla fuera*" (Díaz-Méndez, 2013, p. 50). Já para Warde e Martens (2003 [2000]), ao conduzirem uma das pesquisas pioneiras no Reino Unido sobre o tema, em 1994, afirmaram que o comer fora de casa "[...] *it is taking of food in some location other than one's own place of residence*", o que envolve uma série de eventos, como exemplifica em detalhes, "*There are many ways in which to eat meals away from home, including picnics, consuming takeaway food walking down the street, standing at the bar in the railway station café, and sitting in a Michelin-starred restaurant*" (WARDE, 2016, p. 158).

Estudos sobre o tema no Brasil apresentam variações quanto às definições do que vem a ser a prática do comer fora de casa. Rezende e Avelar (2012) empregam um conceito próximo ao utilizado por Warden e Martens (2003, [2000]), pois utilizam metodologias similares para estudar o fenômeno do comer fora de casa, na cidade de Lavras/MG. Gorgulho (2012) utiliza um conceito da área médica, também utilizado por Burns *et al.* (2002) e por Orfanos (2009, pg. 240), em que há duas definições complementares: a) todas as refeições preparadas fora de casa, independente do consumo; b) todas as refeições consumidas fora de casa, independentemente do local onde são preparadas. Já Bezerra *et al.* (2013) utiliza o conceito normativo da POF/IBGE que "[...] inclui todos os alimentos preparados e consumidos fora de casa". Galindo (2014), apesar de não definir um conceito operacional para o fenômeno do "comer fora de casa", salienta que é uma tipo de consumo que suprime algumas etapas de consumo em relação ao ambiente doméstico, como: armazenamento, preparo e descarte, porém não computa em seu trabalho, por exemplo, o uso da marmita, ou mesmo o *delivery*, como sendo práticas relacionadas ao comer fora.

De todo modo, essa prática é uma forma de comer que se relaciona de maneira constituinte e constitutiva com o comer dentro de casa, como salientam diversos autores (GALINDO, 2014; DÍAZ-MÉNDEZ *et al.*, 2013; JULIER, 2013, WARDE e MARTENS, 2003 [2000]). Todavia, o que se observa em torno das informações disponíveis é que o "comer fora de casa" envolve uma série de conceitos normativos, teórico/analíticas e empíricos, distintos, variando desde definições normativas, levadas adiante por órgãos de pesquisas oficiais, como ocorre em diferentes projetos de pesquisa (POF/IBGE, 2009, INE, 2014, ONS, 2014); em razão de uma decisão teórico/analítica do próprio pesquisador, como na área médica (ORFANOS, 2009); ou ainda de maneira mais empírica e diversa, entre cada indivíduo ou grupos, em razão da renda, religião, gênero, idade, nível educacional etc. (WARDE *et al.*, 2007).

Nesse sentido, realizar uma revisão descritiva e exploratória sobre os diferentes bancos de dados oficiais a respeito das variáveis em torno do "comer fora de casa", especialmente quanto às suas definições normativas, levadas adiante pelos órgãos oficiais de cada país, parece contribuir de maneira crítica com essa reflexão.

Deste modo, no que diz respeito aos bancos de dados oficiais, fica a pergunta: como são registrados os gastos relativos ao consumo de alimentos fora do ambiente doméstico, quais as definições normativas adotadas, as metodologias implementadas, as formas de organização e disponibilização dessas informações?

Nessa perspectiva, o principal objetivo deste artigo é analisar, de forma comparada, os dados oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido, a partir das informações disponibilizadas pelos seus respectivos órgãos oficiais, responsáveis pelas pesquisas relativas aos gastos da população com alimentos. Por esse ângulo, pretende-se explorar as principais diferenças metodológicas, normativas e organizacionais destes bancos de dados, especialmente no que diz respeito à prática do "comer fora de casa".

No Brasil, a principal fonte de dados oficiais advém das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Espanha, a principal fonte de dados oficiais advém das *Encuestas de Presupuestos Familiares* (EPF base 2006), conduzidas pelo *Instituto Nacional de Estadística* (INE) e do bloco *Encuesta del Consumo Extradoméstico* conduzida pelo *Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente* (MAGRAMA). Por fim, no Reino Unido, as principais fontes de dados advém das pesquisas *Living Costs and Food Survey* (LCF), conduzidas pelo *Office for National Statistics* (ONS) e pelos relatórios *Food Statistics Pocketbook* redigidos pelo *Department for Environment, Food and Rural Affairs* (DEFRA). As informações aqui analisadas foram obtidas a partir dos relatórios e dados *online* disponibilizados pelos respectivos órgãos de cada país.

Optou-se pelos três países por haver uma agenda conjunta de pesquisa comparada sobre o fenômeno "comer fora de casa". A Universidade de Oviedo (UNIOVI), por meio do grupo de Sociologia da Alimentação, e a Universidade de Manchester, por meio do Instituto de Consumo Sustentável, estão trabalhando conjuntamente nessas análises a partir do projeto *La alimentación fuera del hogar en Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*. Já o Brasil, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), passou a participar dessa pesquisa recentemente, a partir da tese de doutorado do autor.

De acordo com Díaz Méndez e Espejo (2014), há alguns desafios no campo de estudos da Sociologia da Alimentação, sendo um deles a falta de estudos comparados que permita compreender se as realidades investigadas decorrem de características locais ou tendências globais. Sendo assim, a opção

pelo método comparativo se torna salutar. Parte-se da semelhança compartilhada entre os países, para se observar os processos históricos de formação dos bancos de dados oficiais referentes aos gastos da população com alimentação, prestando atenção, principalmente, na forma de coleta dos dados, organização, frequência e definições dos códigos e subcódigos usados para registro. Segundo as sistematizações feitas pelos autores Santos (2012) e Gonzalez (2008), a respeito do uso do método comparativo, este artigo apresenta uma estratégia do tipo *case based*, pois a proposta é isolar um elemento singular, no caso o fenômeno "comer fora de casa", identificando e comparando, a partir dos dados oficiais de cada país, as singularidades e as regularidades existentes, bem como os limites e as possibilidades de comparação geradas por essas fontes de informações.

O artigo está estruturado da seguinte forma: posterior a essa introdução são apresentados os bancos de dados de cada um dos países investigados, a forma de organização, períodos históricos de coleta, conceitos e definições normativas, dando ênfase aos gastos alimentares que dizem respeito ao fenômeno "comer fora de casa". Em seguida, se fará uma problematização e uma comparação destes bancos de dados sob três aspectos: a temporalidade, as variáveis comparáveis e as limitações das fontes de dados sobre o "comer fora de casa". Por fim, nas considerações finais, será feita uma síntese sobre os principais resultados do artigo, apresentando algumas propostas para melhorar a coleta e sistematização dos bancos de dados oficiais, bem como a necessidade de complementaridade com outras pesquisas, tanto no que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, como perspectivas metodológicas e conceituais mais amplas para o tema.

Fontes de dados secundárias da Inglaterra, Espanha e Brasil

Inglaterra

A coleta de dados sobre alimentação no Inglaterra começou em 1940, focando principalmente a dieta da classe trabalhadora urbana no período de guerra. Em 1950, estendeu-se para todos os domicílios do Reino Unido e, posteriormente, à Irlanda do Norte, em 1996. O programa responsável por essa coleta de dados era conhecido como *National Food Survey* (NFS), sendo a mais longa e contínua pesquisa sobre consumo e gastos domésticos do mundo. O principal objetivo era fornecer informações a respeito dos índices de preços aos consumidores e a dieta da população em relação à composição nutricional dos alimentos.

Em 1994, foi realizado um módulo da NFS que cobriu os alimentos e as bebidas consumidas fora de casa. Esse módulo foi conhecido como *Eating Out Extension*. No entanto, essas informações não estão disponíveis, tendo sido apenas um experimento com um "mix" de resultados, cobrindo estimativas médias de consumo, gastos e valores nutricionais relativos aos alimentos

consumidos fora do ambiente doméstico. Os dados da NFS estão disponíveis do período de 1974 a 2000.⁵

Paralelamente, durante o período de 1961 até 2001, havia também a pesquisa contínua chamada FES (*Family Expenditure Survey*). Essa pesquisa registrava pagamentos realizados regularmente como alugueis, contas de gás, eletricidade, telefone, seguros, entre outros, bem como os gastos diários das famílias, detalhados e registrados durante 14 dias consecutivos. A proposta original era prover os departamentos de governo sobre informações a respeito dos Índices de Preço no Varejo (RPI – *Retail Price Index*) e assim mensurar os gastos da família, pessoais e impostos, com relação à renda.

Os dados da FES estão disponíveis de 1961 a 1963 e de 1968 a 2000/2001.⁶ Até 1993, a coleta de dados era anual, sendo que a partir dessa data passou a ser considerado o ano fiscal (abril de um ano a março do ano seguinte). A partir de 1968, passou a incorporar também a região da Irlanda do Norte. Cada membro da família, com 16 anos ou mais, era demandado a manter uma agenda na qual anotava os gastos diários. Outros gastos regulares, como hipotecas, eram obtidas pelos entrevistadores ao longo da pesquisa. Em 1995/1996, crianças entre 7 e 15 anos passaram também a ter um diário simplificado de gastos.

Assim, segundo informações da UK *data service*, desde de 1957 a FES forneceu informações a respeito dos padrões de gastos domésticos, incluindo os relativos à alimentação, sendo que, paralelamente, a NFS fornecia informações mais detalhadas a respeito do consumo e dos gastos com alimentação.

Entre abril de 2000 e março de 2001, de acordo com o calendário de coleta de dados da FES, outra pesquisa foi lançada em conjunto pelos Departamentos de Estado do Reino Unido, sendo eles a ONS (*Office for National Statistics*) e o DEFRA⁷ (*Department for Environment, Food & Rural Affairs*). Tal pesquisa passou a ser intitulada como EFS (*Expenditure and Food Survey*), juntando, assim, as duas versões que até então eram realizadas de forma paralela, tanto a FES como a NFS.

Outra mudança significativa ocorreu em 2001, com a padronização nos códigos de pesquisa sobre "gastos", que já vigorava desde 1997 entre alguns países europeus, chamada de COICOP (*Classification Of Individual COnsumption by Purpose*).⁸ Essa padronização se estendeu em três áreas estatísticas: pesquisas sobre orçamentos familiares, índices de preços ao consumidor e comparação internacional sobre Produto Interno Bruto.

A última mudança ocorrida nesse tipo de pesquisa, no Reino Unido, foi

⁵ <https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=2000034#access>

⁶ <https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=200016>

⁷ Nesse mesmo período, em 2001, o antigo MAFF (*Ministry of Agriculture, Fisheries and Food*) passou a ser designado de DEFRA.

⁸ <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=5>.

em 2008, quando passou a ser chamada LCF (*Living Costs and Food*), passando a integrar a pesquisa IHS (*Integrated Household Survey*) como um módulo.

Com relação aos relatórios publicados pela ONS, é possível perceber algumas mudanças de tempos em tempos, tanto em relação aos dados que são publicados quanto à forma como são divulgados. Nos relatórios dos anos de 1999/2000 e 2000/2001 as classes que correspondem ao *eating out* estão contidas no código 3, Alimentos e bebidas não-alcoólicas, pois os códigos da COICOP não estavam ainda em uso. A partir de 2001/2002, o relatório passa a adotar os códigos da COICOP, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - Código 11 da COICOP e seus respectivos subcódigos utilizados no Reino Unido, a partir de 2001

Código (2 níveis)	Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4 níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11 - Restaurantes e Hotéis	11.1 - Serviços de restaurantes	11.1.1 - Restaurantes e refeições de café	
		11.1.2 - Bebidas alcoólicas (fora de casa)	
		11.1.3 - Comprar fora para comer dentro de casa - <i>takeaway</i>	
		11.1.4 - Outros tipos de <i>takeaway</i> e petiscos	11.1.4.1 - Comida quente e fria
			11.1.4.2 - Confeitaria
			11.1.4.3 - Sorvete
			11.1.4.4 - Bebidas suaves (refrigerantes e etc)
		11.1.5 - Restaurantes contratados	
	11.2 - Serviços de acomodação	11.1.6 - Cantinas	11.1.6.1 - Refeições escolares
			11.1.6.2 - Refeições compradas mas consumidas no ambiente de trabalho
		11.2.1 - Feriados e férias em UK	
		11.2.2 - Feriados e férias fora de UK	
		11.2.3 - Quartos alugados	

Fonte: Relatórios da ONS – elaboração própria do autor.

Desde 2001/2002, os relatórios divulgam os gastos de acordo com essa tabela, quando fazem referência ao *eating out*. Nota-se que o Grupo "Serviços e acomodações" não se encaixa nessa categoria, pois não se refere à comida consumida fora do ambiente doméstico. Durante esse período a forma de exposição dos dados são muito semelhantes entre os relatórios, permitindo ainda uma comparação direta entre 14 regiões do Reino Unido.⁹

Os dados divulgados nos relatórios do DEFRA, chamados *Food Statistics Pocketbook*, apresentam diferenças em relação aos dados apresentados pela ONS. Os relatórios do DEFRA são amplamente utilizados para dar suporte na avaliação e nas definições de políticas públicas nas seguintes áreas: segurança alimentar doméstica, desperdício alimentar, preços dos alimentos e políticas públicas para alimentação e saúde, níveis de acessibilidade a determinados tipos de alimentos ou ainda para analisar os chamados *food scares* (DEFRA, 2015).¹⁰ Os principais dados divulgados nesses relatórios focam os alimentos, principalmente no que diz respeito as composições nutricionais. Percebe-se que o *eating out* é usado como uma variável dependente nos relatórios da ONS, em relação a renda, idade, gênero, região etc. Já nos relatórios do DEFRA, surge como uma variável independente, influenciando o consumo dos tipos de alimentos e sua composição nutricional.

Especificamente com relação ao conceito *eating out*, pode-se dizer que há também diferenças bastante significativas. Nos relatórios da ONS não há um conceito normativo para o que se considera *eating out*. Nos relatórios do DEFRA, *eating out* é percebido como sendo: *covers all food that never enters the household such as: restaurant meals, school meals and snacks bought and eaten away from home*.¹¹ Assim, é possível perceber um descompasso a respeito das informações sobre o fenômeno *eating out* entre os relatórios da ONS e do DEFRA. Como exemplo, percebe-se que o total de gastos com a modalidade *eating out*, segundo o relatório do DEFRA de 2013 (p. 2) foi de 29,19% em relação ao total gasto com alimentação. Já no mesmo período, se observarmos os dados do relatório da ONS essa relação fica, em média, em 36,29%. Uma das explicações está na própria definição normativa sobre o comer fora, ou seja, o relatório do DEFRA considera *eating out* somente o que é consumido exclusivamente fora de casa, enquanto que no relatório da ONS a modalidade *takeaway* (por exemplo), que é comprar fora para comer dentro de casa, é considerada como sendo uma prática do *eating out*.

⁹ A partir de 2010, as tabelas passam a ser disponibilizadas por meio de links, nos apêndices dos relatórios da ONS, e a partir de 2012 os relatórios passaram a ser disponibilizados em capítulos separados.

¹⁰ <https://www.gov.uk/government/statistics/food-statistics-pocketbook-2015>

¹¹ <https://www.gov.uk/government/publications/family-food-methodology>

A segunda explicação, complementar à primeira, é que o relatório do DEFRA apresenta opções predefinidas a serem marcadas pelas pessoas que preenchem os diários de coleta de dados, com os tipos de comidas já organizadas em códigos, em virtude de uma tabela nutricional padronizada. Já nos relatórios da ONS os diários são preenchidos não com relação ao tipo de alimento consumido, mas sim com relação ao gasto econômico despendido em alguma prática possível de ser associada aos códigos da COICOP. Assim, acredita-se que há um descompasso entre os relatórios ao se computar os gastos com o fenômeno *eating out*.

Espanha

Na Espanha os dados estatísticos sobre alimentação começaram a ser coletados em 1958 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), por meio das *Encuestas de Presupuestos Familiares* (EPF). Os dados Espanhóis quantitativos sobre gastos com alimentação se baseiam em duas pesquisas, a EPF e o *Panel de Consumo Alimentario* do MAGRAMA (*Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente*).¹²

As pesquisas estruturais da EPF continuaram, desde 1958, através dos seguintes anos, 1964/65, 1973/74, 1980/81, 1990/91.^{13 14 15} O número de códigos analisadas aumentaram com o tempo, iniciando com 68, em 1958, passando para 90, em 1964/65, expandindo ainda mais em 1973/74 (ano em que utilizou pela primeira vez uma amostra global da população), em 1980/81 o número de códigos se ampliou para 630 e em 1990/91 chegou a 900, tendo sido essa a última pesquisa estrutural sobre orçamento doméstico realizada na Espanha.

As pesquisas intermitentes no tempo, sobre orçamento doméstico, iniciaram em 1977 e estenderam-se até 1983, sendo chamadas *Encuesta Permanente de Consumo* (EPC *conyunturais*). A partir de 1985, a EPC é substituída pela pesquisa denominada *Encuesta Continua de Presupuestos Familiares* (ECPF).

Em 1997 é implantada uma nova pesquisa, denominada *Encuesta Continua de Pressuposto Familiares* (ECPF base 97), que trata de englobar os objetivos das duas pesquisas que vinham sendo realizada até então, tanto as estruturais quanto as conjunturais. Essa pesquisa manteve as características amostrais da ECPF anterior. A unificação das duas pesquisas ocorreu no momento em que o INE passou a adotar os códigos da COICOP.

Em 2006 a ECPF (base 1997) é substituída por uma nova EPF (EPF base 2006), com coleta de informações anuais. As informações da EPF (base

¹² Até 2008 o nome do Ministério era *Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentación* (MAPA).

¹³ <http://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>

¹⁴ <http://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF9091.pdf>

¹⁵ <http://www.ine.es/metodologia/t25/t2530p458.pdf>

2006) são obtidas de duas maneiras: por meio de um questionário de entrevista direta e anotações por parte dos membros do domicílio.

Quadro 2 - Códigos da COICOP adotados pela Espanha desde 1997, a respeito do *Comer fuera del hogar*

Código (2 níveis)	Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4 níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11 - Restaurantes e Hotéis	11.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1.1 - Menu do dia
			11.1.1.2 - Almoço e janta em restaurantes
			11.1.1.3 - Consumo em bares e cafeterias
			11.1.1.4 - Consumo em <i>pubs</i> e discotecas
			11.1.1.5 - Banquetes, cerimônias e celebrações fora de casa
	11.2 - Serviços de alojamento	11.2.1 - Serviços de alojamento	11.2.1.1 - Serviço de alojamento em hotéis
			11.2.1.2 - Outros serviços de alojamento
	11.2.1.3 - Serviço de alojamento por motivos de estudos		

Fonte: Dados compilados do INE - elaboração própria do autor.

Os dados disponibilizados de 1998 até 2005 mostram um nível de desagregação de até quatro dígitos. Já a partir de 2006 os dados disponibilizados podem ser consultados com até cinco dígitos de desagregação funcional, onde observa-se os códigos que tratam do "comer fora" (11.1.1 e 11.1.2) de forma desagregada em mais sete subcódigos, conforme quadro acima.

Em geral, os objetivos da EPF (base 2006) são de contribuir para o cálculo do Índice de Preço ao Consumidor (IPC), estimar os gastos agregados de consumo trimestral e anual para as Comunidades Autônomas e suas classificações segundo diversas variáveis sobre o domicílio e seus membros,

contribuir para a estimação anual e trimestral da quantidade física de bens alimentícios consumidos no país e oferecer anualmente dados estatísticos sobre diferentes campos de interesse social (pobreza e desigualdade, distribuição e concentração de renda, gastos com equipamentos, domicílio, saúde, educação etc.).¹⁶

Outra fonte de informações na Espanha são as pesquisas do MAGRAMA, que vêm sendo realizadas desde 1987, através do chamado *Panel de Consumo Alimentario*. Essa pesquisa engloba as informações domiciliares de consumo, além do consumo em restaurantes, hotéis e consumos institucionais.¹⁷

A pesquisa deste Ministério reside no interesse em conhecer os índices de consumo, a evolução da dieta alimentar espanhola e o impacto dos preços no consumo de alimentos. O MAGRAMA divulga diversos relatórios de pesquisas, sendo eles: a) Pesquisa sobre o consumo de alimentos dentro dos domicílios, com frequência de resultados mensais, a partir de uma amostra de 8.000 domicílios; b) Pesquisa em hotéis e restaurantes com resultados trimestrais, a partir de uma amostra de 1.500 estabelecimentos comerciais; c) Pesquisas em restaurantes e em instituições sociais, como em setores da educação, saúde, presídios etc. com resultados mensais, a partir de uma amostra de 300 estabelecimentos; d) Pesquisa sobre o consumo extradoméstico, com resultados divulgados de acordo com as estações do ano (primavera/verão e outono/inverno), a partir de uma amostra de 14.000 indivíduos que anotam o consumo extradoméstico durante quatro semanas do ano.¹⁸

No que diz respeito ao interesse deste artigo, o bloco de pesquisa sobre consumo extradoméstico é realizado pelo MAGRAMA desde 2007. Nessa pesquisa são registrados todos os alimentos e bebidas consumidos fora de casa (preparados e prontos para serem consumidos fora de casa). As variáveis dependentes registradas são: restaurantes de serviço completo (*a la carte* ou de *menu del día*), restaurantes de serviço rápido (restaurantes *self-service*, bares, cafeterias, *fast-food*, sorveterias), consumo imediato, comida para levar (*takeaway* e *deliveries*), danceterias e *pubs*, máquinas *self-service*, cantinas de empresas, hotéis e restaurantes no interior de transportes (ex: trens).

Os dados divulgados por essa pesquisa possuem mais detalhes a respeito dos gastos com alimentação fora, do que os dados divulgados pelo EPF (base 2006). Por exemplo, pelas pesquisas do MAGRAMA¹⁹ é possível perceber as diferenças, em termos relativos, dos gastos com a prática do comer fora entre

¹⁶ http://www.ine.es/prodyser/micro_ebpf8191.htm

¹⁷ http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-06_tcm7-7808.pdf

¹⁸ <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-de-consumo-alimentario/metodologia/default.aspx>

¹⁹ http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/Variables_de_Demanda_Extradom%C3%A9stica_2013_tcm7-321941.pdf

os dias da semana e os finais de semana. Estes relatórios apresentam, ademais, comparações com anos anteriores, possibilitando perceber tendências de consumo e processos de transição nutricional, uma vez que também coletam dados referentes aos tipos de alimentos consumidos pela população espanhola, além dos locais de consumo e o momento do consumo (café da manhã, almoço, café da tarde, jantar etc.).

Deste modo, percebe-se que a pesquisa da EPF (base 2006) é uma pesquisa diferente da conduzida pelo MAGRAMA, apesar de manterem determinadas conexões em termos de uso, resultados e metodologias. Dois dos quatro módulos da pesquisa conduzida pelo MAGRAMA são mais próximos da EPF (base 2006), que são o módulo "consumo de alimentos dentro de casa" e o módulo de "consumo individual extradoméstico". Algumas diferenças existem, pois a forma de coleta e preenchimento dos dados são distintas, assim como a estratificação social utilizada e algumas variáveis. Porém, é possível aproveitar as duas fontes para as pesquisas sobre algumas dimensões das práticas relativas ao comer fora de casa, sendo que os relatórios do MAGRAMA são expostos em forma de apresentação, com discussão de resultados; já os dados da EPF (base 2006) estão à disposição apenas para consulta *online*²⁰ por meio de cruzamento de variáveis, sem comentários ou discussões.

Brasil

O primeiro estudo feito no Brasil, com dados a respeito dos gastos sobre o consumo de alimentos, foi o Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF), realizado durante o período de 1974/75. Esse estudo serviu de base para as pesquisas posteriores, denominadas Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), e a primeira foi realizada em 1987/88. As POFs subsequentes foram realizadas nos anos de 1995/96, 2002/03 e a última em 2008/09.

No decorrer dessas edições houve diversos avanços, sendo um deles o aumento da área de abrangência. Porém, somente a partir da edição de 2002/03 passou a ser realizada em todo o território nacional, tanto urbano quanto rural. A partir dessa edição, de 2002/03, foram incluídos também aspectos relacionados à nutrição, investigando medidas antropométricas, quantidade de alimentos adquiridos no domicílio e as condições de vida da população, além de outras formas de aquisição não monetárias (doações, trocas, produção própria etc.).

Na POF de 2008/09 a abrangência geográfica foi mantida, assim como os dados já consolidados da POF de 2002/03, sendo adicionadas informações a respeito do meio ambiente, turismo, assistência à saúde, taxa de fecundidade e também informações antropométricas mais detalhadas.

²⁰http://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/operacion.htm?c=Estadistica_C&cid=1254736176806&menu=r esultados&idp=1254735976608

O código que registra o comer fora de casa, nessas quatro edições, é chamado "Alimentação fora de casa", sendo aplicado através do módulo POF 04 - "Questionário de Despesa Individual". Nas edições de 1987 e 1995 os subcódigos utilizados foram: 1) Almoço e Jantar; 2) Café, Leite, Café/Leite, Chocolate; 3) Sanduíches e Salgados; 4) Refrigerantes, Cervejas e Outras; 5) Agregadas e Outras. Já a edição de 2002/2003 contempla os mesmo subcódigos das duas edições anteriores; porém há uma separação no subcódigo que registra as bebidas, sendo composto por: 4) Refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas; e 6) Cervejas, *chops* e outras bebida alcoólicas; além de aumentar um subcódigo: 7) Lanches. Porém, na última edição da POF, de 2008/2009, além dos códigos da edição 2002/2003 foram agregados mais dois: 8) Alimentação na Escola; 9) Alimentação *light* e *diet*.

Na edição de 2008/2009, com aporte financeiro e metodológico do Ministério da Saúde (MS), foi incluída também uma primeira experiência para estudar o consumo efetivo pessoal, por meio de um módulo específico, chamado POF 07. Esse módulo possui questões relativas à descrição dos alimentos consumidos, ao horário de consumo e também ao local de consumo (dentro ou fora do domicílio).

A definição normativa do IBGE sobre o fenômeno "comer fora de casa" é "[...] os alimentos que forem comprados e/ou consumidos fora do domicílio a fonte a ser registrada deverá ser F – FORA, mesmo que o alimento tenha sido consumido na casa de parentes ou amigos [...]" (IBGE, 2008, p. 298). Nesse conceito normativo, por exemplo, o *delivery* e o uso da "marmitta" não se encaixam como uma modalidade do "comer fora".

Em termos de coleta, as informações obtidas pela POF são captadas através de registros e entrevistas diretas. Os registros são realizados pelos informantes selecionados por dias consecutivos como referência, por meio cadernetas de registro fornecidos pelos órgãos de pesquisa. A exceção ocorreu somente em 2008/2009, com a POF 07.²¹

No âmbito das pesquisas conduzidas pelo IBGE, especialmente com relação à POF, tem ocorrido seminários de construção do SIPD (Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares) desde 2006. A proposta, até o momento, é realizar uma POF completa a cada cinco anos, e uma simplificada anualmente. De todo modo, a pesquisa seguinte, prevista pelo governo, deveria ter sido realizada em 2014/2015, mas se encontra atrasada. Essa nova proposta de unificação das pesquisas, proposta pelo IBGE por meio da SIPD, se constitui em um modelo de realização de pesquisas amostrais em que o

²¹ Essa pesquisa foi realizada a partir do registro dos gastos de consumo individual dos moradores de 10 anos ou mais, durante dois dias não consecutivos. A subamostra selecionada foi de 13.569 domicílios, ou seja, 24,3% do total da amostra da POF 2008/09, que foi de 55.970 domicílios. O total de moradores que participaram deste módulo, relatando o consumo alimentar individual, foi de 34.0003.

planejamento, a execução, a análise e a disseminação dos resultados das diversas pesquisas serão conduzidas de forma coordenada.

Das informações disponíveis no site do IBGE, com relação às POFs, há somente informações sobre os gastos com alimentação relativas à fonte do alimento, se dentro ou fora do domicílio, associados aos estratos de renda e a localização do domicílio, se em área urbana ou rural. Outras variáveis independentes, como idade, escolaridade, sexo, composição da família etc., não aparecem associadas aos gastos com alimentação com base na fonte, se dentro ou fora do domicílio, mas sim aos tipos de alimentos (leguminosas, hortaliças, derivados do leite, carne etc.).

Comparação e problematização das fontes de dados secundários entre Reino Unido, Espanha e Brasil

No sentido de analisar comparativamente os dados dos três países, relativos à representação normativa e estatística do fenômeno "comer fora de casa", separamos essa discussão em três partes: a temporalidade, as variáveis comparáveis e as limitações das fontes de dados sobre o tema.

Temporalidade e metodologia

Com relação à frequência na obtenção dos dados, há uma diferença bastante significativa entre os três países, especialmente entre o Brasil e os dois países europeus. O Quadro 3 abaixo mostra o ano e a frequência das pesquisas em cada país, bem como as principais mudanças que ocorreram.

Quadro 3 – Pesquisas oficiais sobre consumo alimentar no Brasil, Espanha e Reino Unido.

Períodos	Brasil	Espanha	Reino Unido
Início	1974/75 (ENDF)	1958 (EPF)	1940 (NFS)
Expansão para todo o território nacional	2002/2003 (POF)	1973/1974	1950 para todo o Reino Unido e 1996 também para a Irlanda do Norte
Periodicidade	1974/75 (ENDF)	1957, 1964/65, 1973/74, 1980/81, 1990/91 (EPFs - estruturais)	FES (1961-1963 e de 1968-2000/2001)
	1988/89, 1994/95, 2002/03, 2008/09 (POF)	Pesquisas continuadas: 1977-1983 (EPC), 1985 - 1997 (ECPF). Pesquisas do MAGRAMA desde 1987.	NFS (1940 até 2000)

Unificação das pesquisas na Europa com base nos códigos da COICOP	-	Unificação das pesquisas estruturais com as conjunturais em 1997 De 1997 até 2006 (EPFC - base 97) De 2006 até os dias de hoje (EPF - base 2006)	Unificação da FES com a NFS em 2001 De 2001 até 2007 (EFS) De 2008 até os dias de hoje (LCF)
---	---	--	---

Fonte: Relatórios do INE, IBGE e ONS – elaboração própria do autor.

Em âmbito europeu, mais especificamente dentro da CEE (Comunidade Econômica Europeia), os dados coletados relativos à alimentação foram uniformizados pela COICOP, no que diz respeito às suas unidades e variáveis. Essa padronização foi adotada pela Espanha em 1997, no ano de sua implementação, e mais tarde na Inglaterra, em 2001, modificando em ambos os países seus procedimentos de coleta de dados, inclusive os próprios programas de pesquisa. No caso britânico, unificou a NFS e a FES em um único programa, a EFS. Já na Espanha, a mudança ocorrida em 1997 unificou a EPF e a EPFC (iniciada em 1985) e criou uma nova EPFC (base 97). Na Espanha, há ainda as pesquisas conduzidas pelo MAGRAMA, desde 1987, que abordam os aspectos relacionados aos gastos com alimentação, tanto dentro como fora de casa, sendo que o bloco de consumo individual extradoméstico começou em 2007. No Reino Unido, há também o DEFRA, que coleta dados próprios, porém também se utiliza de dados disponibilizados pela ONS, além de outros departamentos de Estado e agências comerciais.²² Os relatórios *Food statistics Pocketbook* do DEFRA são publicados desde 2008.²³

Com relação à periodicidade das pesquisas, no Reino Unido são as mais antigas, datando de 1940, sendo que na Espanha iniciou em 1958 e, no Brasil, em 1974/75. A periodicidade entre os países também difere, sendo que no Reino Unido, que engloba também a Irlanda do Norte, quase todos os anos ocorreram coletas de dados. Na Espanha, a pesquisa continuada sobre gastos domésticos iniciou em 1985, sendo trimestral até 2005, mesmo após as modificações em 1997, sendo que, a partir de 2006, passou a ser anual. No Brasil, a POF não é contínua, tendo ocorrido apenas cinco edições, considerando a ENDEF de 1974/75. A pesquisa que passou a ser contínua no Brasil foi a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), a partir de 2012, mas com foco no mercado de trabalho.

²²https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/553390/foodpocketbook-2016report-rev-15sep16.pdf

²³<http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20130103014432/http://www.defra.gov.uk/statistics/foodfarm/food/pocketstats/>

Variáveis comparáveis

As variáveis, tanto dependentes quanto independentes, foram alteradas constantemente ao longo dos tempos e entre os países. Como exemplo é possível citar o caso espanhol, que aumentou o número de códigos entre as décadas de 50 e 90 – de 68, em 1958, para 900, em 1991, dentro das pesquisas estruturais, e chegando a 400, em 1985, nas conjunturais – para posteriormente, em 1997 (quando unificou as pesquisas conjunturais e estruturais), diminuir o número para aproximadamente 300 variáveis, quando adotou os 12 códigos bases da COICOP, com cinco níveis de desagregação. No Reino Unido, há registros das alterações em alguns relatórios emitidos pela ONS, como o relatório de 2007, com registros das alterações de 1991 até 2006 descritos no apêndice "B".²⁴ Porém, no Brasil e na Espanha os conceitos básicos e as definições são emitidos a cada relatório, na parte metodológica, mas os antecedentes não são relatados, não sendo possível perceber essas modificações conceituais ao longo dos anos de forma sistematizada.

Todavia, em termos gerais, é possível proceder com algumas comparações entre os três países, apesar das limitações existentes.

Na Tabela 1, a seguir, são apresentados os dados sobre os gastos com alimentação, tanto dentro quanto fora de casa, relativos ao ano de 2003 e 2009, pois são os únicos dados em que coincidem os três países. A Espanha dispõe os dados de 1998 até 2014 e o Reino Unido de 1999 até 2014. O Brasil dispõe de dados de 1987, 1995, 2002/2003 e 2008/2009.

Tabela 1 – Frequência média dos gastos com alimentação no Brasil, Reino Unido e Espanha, dentro e fora de casa, nos anos de 2003 e 2009

Comer fora com relação aos gastos totais	2003	2009
Reino Unido	7,51%	6,88%
Espanha	8,39%	8,47%
Brasil	4,08%	5,00%
Comer fora com relação aos gastos totais com alimentação		
Reino Unido	41,67%	37,49%
Espanha	31,85%	37,54%
Brasil	24,05%	31,14%
Comer dentro em relação aos gastos totais		
Reino Unido	10,51%	11,47%
Espanha	17,95%	14,09%
Brasil	16,95%	16,06%

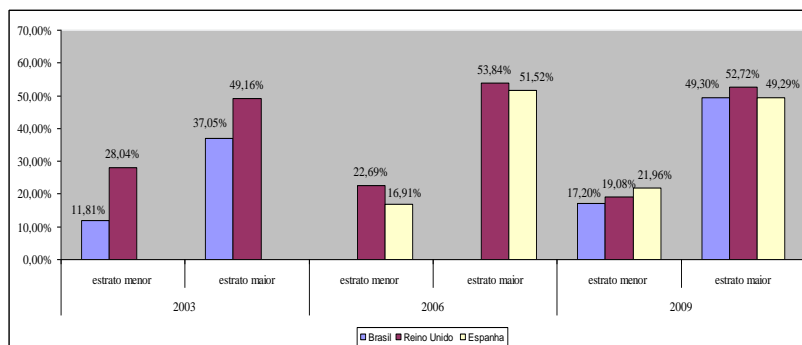
²⁴<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/personalandhouseholdfinances/incomeandwealth/compendium/familyspending/2014-12-02/surveymethodologyappendixb/pdf>

Comer dentro em relação aos gastos totais com alimentação		
Reino Unido	58,33%	62,51%
Espanha	68,15%	62,46%
Brasil	75,95%	68,86%

Fonte: Dados da ONS, IBGE e INE – elaboração própria do autor.

Com relação às médias dos gastos totais e dos gastos totais com alimentação, os espanhóis foram os que mais gastaram com alimentação fora, em termos relativos, tendo aumentado essa frequência entre 2003 e 2009, assim como os brasileiros. Porém, no caso do Brasil, apesar do aumento de gastos identificado, ainda é o país que menos gastou, comparativamente aos outros dois. Já o Reino Unido apresentou uma queda na proporção dos gastos com o “comer fora”, em relação aos gastos totais e também aos gastos totais com alimentação, entre 2003 e 2009. Por outro lado, entre 2003 e 2009, houve um pequeno aumento relativo com os gastos com alimentação dentro de casa; no caso do Reino Unido, porém, nos casos do Brasil e da Espanha houve quedas.

Gráfico 1 – Gastos com alimentação fora de casa segundo o menor e o maior estrato de renda em relação ao gasto total com alimentação



Fonte: INE, ONS e IBGE – elaboração própria do autor.

O Gráfico 1 acima foi elaborado a partir da variável dependente "frequência dos gastos em comer fora de casa em relação ao gasto total com alimentação" cruzando com a variável independente "renda". Em relação à forma de organização dos dados apontam-se algumas diferenças. A variável independente "renda" foi estratificada de forma distinta em cada país.

No Brasil, na POF 2002/03, os estratos formados foram nove, já na POF 2008/09 foram sete. Nas edições de 1987 e 1995 foram criados dez

estratos de renda, porém optamos em não inserir no gráfico acima, devido ao fato de não haver informações da Espanha e do Reino Unido disponíveis para comparar. Para o ano de 2006 não há informações para o caso brasileiro.

Na Espanha, os estratos foram divididos em oito, porém os dados registrados com esse cruzamento "renda x gastos com alimentação fora de casa" estão disponíveis somente a partir de 2006, não estando presente nos dados de 1998 a 2005. Como é possível perceber, no Gráfico 1, não há dados espanhóis para 2003 com essa informação. Assim, optou-se por apresentar somente os dados de 2006 e 2009.

No caso do Reino Unido essa informação existe desde 1999, podendo ainda existir para anos anteriores, mas não obtivemos acesso a essas informações em forma de relatórios anteriores a 1999. A forma de estratificação, no caso do Reino Unido, foi realizada em dez partes, e podemos perceber, no gráfico acima, que há informações para os três períodos em questão.

Neste sentido, optou-se pelos anos de 2003, 2006 e 2009 para se proceder à comparação. A escolha se deu pelo fato de que no Brasil há dados somente de 1987, 1995, 2003 e 2009, na Espanha de 2006 a 2014, e no Reino Unido de 1999 a 2014. Optou-se também por separar a renda em dois tipos, pelo estrato mais baixo e pelo estrato mais alto em cada país, independente da forma como foi estratificado, se em sete, nove, dez ou oito partes.

No caso brasileiro, tanto o estrato de mais baixa renda quanto o estrato de mais alta renda, aumentaram os gastos relativos ao consumo fora do ambiente doméstico entre os anos de 2003 e 2009. O maior aumento foi com relação ao estrato de mais baixa renda, cerca de 46%, sendo que no caso do estrato de maior renda o aumento foi de 33%. No caso espanhol, entre os anos de 2006 e 2009, os gastos relativos do estrato de maior renda diminuiu, cerca de 4%, e o estrato de menor renda aumentou seus gastos relativos com o consumo *fuera del hogar*, em cerca de 30%. Para o caso do Reino Unido, o estrato de menor renda apresentou um decréscimo ao longo dos anos analisados, sendo de 19% entre 2003 e 2006, e de 16% entre 2006 e 2009, ficando abaixo do estrato de menor renda da população espanhola e próximo ao estrato de menor renda da população brasileira para o ano de 2009. Ainda no caso do Reino Unido, apesar da queda no estrato de menor renda, o estrato de maior renda apresentou um aumento de quase 10% entre 2003 e 2006, e uma pequena queda de 2% entre 2006 e 2009, mantendo-se acima dos 50% (52,72%) dos gastos com *eating out* em relação ao gasto total com consumo de alimentos.

Percebe-se, claramente, que o gasto com alimentação fora de casa, nos três países, está intrinsecamente relacionado com a renda, ou seja, quanto maior o estrato de renda, maiores são os gastos com alimentação fora do

ambiente doméstico, sendo que nos estratos mais elevados esse índice gira em torno dos 50% dos gastos totais com alimentação.

Limitações

As limitações presentes nas fontes oficiais, em respeito aos dados registrados sobre os gastos com consumo fora do ambiente doméstico, podem ser de duas ordens. Primeiro seriam as limitações dos dados em si, como abrangência das perguntas, a falta de clareza nas definições, periodicidade das coletas de dados e a forma como são realizadas. Em segundo, com limitações de ordem comparativa, pois analisar o fenômeno "comer fora de casa" de forma comparada entre os três países, a partir dos dados disponibilizados pelos órgãos oficiais, apresenta uma série de dificuldades como a adoção de diferentes códigos e subcódigos, suas definições normativas, a série histórica de registros e a forma de organização das pesquisas.

No que diz respeito às limitações de primeira ordem, algumas considerações são importantes de serem feitas. Primeiro, quanto à abrangência das perguntas sobre o que se registra em relação ao fenômeno comer fora de casa. Frente a um amplo número de situações que esse fenômeno pode vir a ocorrer, as opções de preenchimento oferecidas aos indivíduos, que registram seus gastos durante as pesquisas, certamente não representam amplamente a realidade. Por exemplo, as comidas que são levadas de casa para serem consumidas no trabalho, o famoso *lunch in box* britânico, *fiambrera* espanhola e a marmita brasileira, não seriam consideradas como um consumo fora do ambiente doméstico? Se sim, em que subcódigos devem ser registrados? Ainda nesse sentido, as perguntas se restringem a poucos locais de consumo, sendo que, na realidade, os locais em que se pode comer fora de casa são muitos. Outro aspecto, relacionado a essa mesma limitação, são os registros a respeito de outras dimensões, como o gosto (EPTEP, 2009), a sociabilidade (WARDE e MARTENS, 2003 [2000]), a praticidade (DÍAZ-MÉNDEZ *et al.*, 2013), inovação e destradicionalização (GALINDO, 2014), o uso do tempo (WARDE *et al.*, 2007; SOUTHERTON *et al.*, 2011), prazer e fruição (REZENDE, 2012), distinção social (BOURDIEU, 2006), saúde (GARCIA e GOMES, 2016), dentre outras²⁵, que não são abordadas dentro das pesquisas oficiais, sendo necessárias pesquisas mais qualitativas, de cunho antropológico e sociológicos, que abarquem essas dimensões.

Um segundo aspecto relacionado às limitações dos dados em si seria a falta de clareza nas definições, ou seja, o que de fato significam, conceitualmente, os fenômenos *eating out*, no caso britânico, *comer fuera del*

²⁵ Cabe salientar que estes autores não trabalham somente a dimensão à qual os relacionamos aqui: a maioria trabalha com mais de uma dimensão, porém, foi dado destaque às mais representativas em cada estudo.

hogar, no caso espanhol e alimentação fora do domicílio, no caso brasileiro. Do ponto de vista normativo, como está sendo analisado nesse artigo, há inúmeras incongruências e limitações. Nesse sentido, não há definições claras relativas a cada subcódigo. Por exemplo, o que seriam "lanches" no caso brasileiro: algo que se come fora dos horários habituais das refeições mais estruturais, como almoço e jantar? Ou algo que se come na rua, em algum *fast food*? Enfim, um subcódigo que diga apenas "lanches" e que é preenchido por inúmeros e diferentes indivíduos, se torna uma definição muito aberta e dependente da discricionariedade de cada um.²⁶ Tal fato ocorre também nos outros diferentes subcódigos de cada país. Problematicar cada um deles aqui se tornaria exaustivo, sendo necessário apenas frisar suas limitações quanto às definições normativas que cada um pode apresentar, em maior ou menor medida, mesmo porque o peso da subjetividade individual é muito marcante em dados que são registrados pelos próprios entrevistados, dando-lhes margem para interpretar as perguntas, ou mesmo os subcódigos, conforme lhes pareça mais familiar, conveniente e cognoscível. Do ponto de vista analítico, como frisado na introdução, as categorias empíricas e teóricas seriam ainda mais diversas e complexas quanto à definição do que venha a ser o fenômeno do "comer fora de casa", porém discutir essa complexidade não é o foco desse artigo, mas sim demonstrar as limitações dos bancos de dados oficiais, e suas definições normativas, frente a essa complexa tarefa.

Uma terceira limitação identificada, ainda com respeito aos dados oficiais em si, diz respeito à periodicidade das informações. Essa periodicidade pode estar associada tanto à sequência de informações obtidas quanto a uma problematização sobre o uso do conceito normativo utilizado. Sobre a sequência de informações, o caso brasileiro é o mais problemático, pois não há, até o momento, um POF intermitente e conjuntural, apenas as estruturais, a cada cinco anos, sendo que a última deveria ter sido realizada em 2014/15, porém não o foi até o momento. Já nos casos da Espanha e do Reino Unido, esse levantamento de informações já vem ocorrendo há mais tempo, de forma intermitente. Com relação à problematização do conceito do tempo em si, poderíamos exemplificar argumentando que as rotinas alimentares, tanto domésticas quanto extradomésticas, variam de acordo com as datas festivas, horários

²⁶ A própria etimologia da palavra pode representar uma prática muito distinta em relação ao comer em cada país. Por exemplo, o *lunch*, no caso britânico, é considerado o almoço, mesmo que não seja a refeição central; neste caso, tem um sentido e significado de ocupar um espaço de uma refeição (WARDE, 1997). Na Espanha, o termo mais próximo é o que eles definem como sendo um *pincho* ou um *bocadillo*, geralmente envolvendo a ingestão de uma pequena porção de comida, usualmente um pão com queijo e *jamón*, entre as refeições principais (DÍAZ-MÉNDEZ *et al.*, 2013). No Brasil, o lanche ocupa tanto o espaço entre duas refeições principais, como tomar um café, quanto em substituição ao próprio jantar, eventualmente assumindo o papel de "beliscar" (BARBOSA, 2007).

de trabalho, lazer, dias da semana, finais de semana, férias, feriados, viagens etc.²⁷ Assim, apenas relatar de maneira muito uniforme os gastos com alimentação fora de casa, sem ter em conta a diversidade dos momentos que tal fato social pode ocorrer, explica muito pouco sobre como essa dinâmica estrutura e é estruturada por outras dinâmicas sociais, principalmente relacionadas ao uso do tempo e às rotinas, tanto individuais quanto institucionais (WARDE *et al.*, 2007; SOUTHERTON *et al.*, 2011, SOUTHERTON, 2012).

Como limitações de segunda ordem, observou-se algumas dificuldades quanto a comparação dos dados oficiais entre os três países. Primeiro, todos os três países adotam subcódigos distintos, mesmo que a Espanha, desde 1997, e o Reino Unido, desde 2001, tenham adotado os códigos da COICOP como padrão para suas pesquisas sobre gastos.²⁸ A adoção de subcódigos distintos, ou mesmo códigos, no caso brasileiro em relação aos dois países europeus, gera dificuldades no entendimento do que poderia ser comparado de forma direta. O exemplo mais emblemático é o subcódigo *takeaway*, utilizado no Reino Unido nas pesquisas da ONS, que possui uma definição muito clara em estudos já realizados nesse país sobre *eating out* (WARDE e MARTENS, 2001) porém não é registrado nos relatórios do DEFRA. Tanto no Brasil como na Espanha (no caso da pesquisa do INE²⁹), esse modo de se alimentar não é considerado uma alimentação fora do domicílio. Tal fato impacta nos próprios limites quanto à definição normativa adotada por cada órgão de pesquisa em cada país, que, além de se mostrarem distintos, são limitados quanto à compreensão do fenômeno do comer fora de casa do ponto de vista empírico e teórico.

Com relação às séries históricas, como limitação de segunda ordem, as diferenças entre os países são marcantes. O Reino Unido tem uma tradição de longos anos na coleta de informações a respeito dos gastos com alimentação fora do ambiente doméstico. Segundo Warde e Martens (2001), desde 1960. A Espanha também possui informações de muitos anos, pois desde de 1977 vem realizando pesquisas contínuas sobre os gastos dos domicílios. Porém, quanto aos gastos com alimentação fora do domicílio não é possível precisar o início, partindo-se da informação que ocorra, ao menos, desde 1997. Na Espanha, há ainda o MAGRAMA, que, a partir de 2007, começou a aplicar um módulo de pesquisa sobre gastos individuais com alimentação extradoméstica. No Brasil, os registros oficiais sobre os gastos domésticos da população existem desde 1974,

²⁷ Barbosa (2007) classifica as refeições, quanto ao uso do tempo, em três subsistemas: o semanal, o de final de semana e o ritual. O ritual se dividiria em dois tipos o coletivo (Natal, Páscoa etc.) e o familiar (aniversários, casamentos etc.).

²⁸ Ver Quadro 1 e Quadro 2.

²⁹ Na pesquisa do MAGRAMA, há um subcódigo identificado como *Comida para llevar*, que engloba o conceito *Takeaway*.

porém somente a partir de 2002/03 passaram a ser representativos de todo o território nacional, sendo que o gasto com alimentação fora do domicílio começou a ser registrado em 1987. Contudo, até o momento, o Brasil não possui uma pesquisa continuada desse tipo, prejudicando as comparações com Espanha e Reino Unido em face a uma série histórica de informações.

Por fim, ainda com relação a alguns limites de segunda ordem, destaca-se a forma como as pesquisas oficiais de cada país foram sendo organizadas ao longo dos anos. No Reino Unido, a união das pesquisas NSF com a FES, dando origem a EFS em 2001, acarretou em poucas modificações, acrescentando um subcódigo "bebidas alcoólicas (fora de casa)" e agrupando duas, "Restaurantes contratados e Cantinas", o que elevou, de maneira um pouco "abrupta", a média dos dados relativos aos gastos com alimentação fora, em torno de 6% entre 2000/01 e 2001/02. Na Espanha, a maior modificação ocorreu em 2006, quando houve a mudança da ECPF (base 97) para a EPF (base 2006), em que o subcódigo "Restaurantes y cafés" foi subdividido em cinco outros, expondo melhor a informação sobre os gastos com alimentação fora, já que até 2005 esse subcódigo registrava uma concentração em torno de 97% dos gastos. No Brasil, entre as POFs de 1987 e 2008/09 ocorreram poucas mudanças, dividindo-se o registro de bebidas em 2002/2003 entre alcoólica e não alcoólicas, além de acrescentar um subcódigo de lanches, sendo que em 2008/2009 acrescentaram-se mais dois subcódigos, "Alimentação na escola" e "Alimentação *light* e *diet*", aos outros sete já existentes.

Considerações finais

O presente artigo buscou analisar e comparar as fontes oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido, sobre os dados relativos aos gastos realizados com alimentação, especialmente fora do ambiente doméstico, analisando aspectos metodológicos, conceituais e organizacionais.

Com relação às fontes oficiais de cada país, realizamos uma análise documental histórica a partir das informações disponibilizadas pelos respectivos *sites* das entidades responsáveis pela coleta e divulgação destes dados. Tais informações estão disponíveis *online* para consulta na forma de relatórios e tabelas. A partir dessa análise foi possível entender a evolução deste tipo de pesquisa em cada país, no que corresponde às metodologias adotadas, os conceitos normativos aplicados, bem como organização dos códigos e subcódigos ao longo dos anos.

Apesar do principal objetivo dos três bancos de dados investigados ser, essencialmente, compor os Índices de Preço ao Consumidor (IPC) e fornecer informações dos gastos familiares no cálculo das contas nacionais, várias outras informações podem ser obtidas dentro dos limites possíveis aos quais se propõem. Classificamos estas limitações em duas

ordens. Em primeira ordem estariam as limitações dos dados em si, identificados como: abrangência das perguntas, a falta de clareza nas definições conceituais e a periodicidade nas coletas de dados. A maioria destas limitações existe, principalmente, em razão de que os próprios modelos de pesquisa são planejados com outros objetivos, que não os de detalhar, tanto conceitualmente quanto analiticamente, determinados temas, como é o caso das práticas que envolvem os hábitos da população em se alimentar fora de casa.

De todo modo, a maior dificuldade seria no momento de comparar os dados, identificada como uma limitação de segunda ordem. Há inúmeras dificuldades para se realizar tal tarefa, como a adoção de diferentes códigos e subcódigos em cada país, as séries históricas de registros e as formas de organização das pesquisas.

Apesar de algumas limitações, principalmente quanto à definição normativa do que vem ser a prática do comer fora de casa, logrou-se realizar uma análise comparada entre os três países, basicamente envolvendo séries dos anos de 2003, 2006 e 2009, dentro das quais foi possível trabalhar os dados disponíveis.

Pela complexidade que envolve o fenômeno de comer fora do ambiente doméstico, como a dimensão do gosto, sociabilidade, praticidade, inovação e destradicionalização, uso do tempo, prazer e fruição, distinção social, dentre outros, o uso dos bancos de dados oficiais auxilia nas investigações, contribuindo com informações sobre gastos, locais de consumo, tipos de alimentos e variáveis independentes, como renda, escolaridade, sexo, regiões etc., porém de forma parcial. Nesse sentido, pesquisas que explorem outras dimensões como a rotina alimentar dos indivíduos, os registros alimentares pertencentes a cada grupo social, as interações entre diferentes práticas sociais e o ato de comer, bem como as estruturas sociais que emergem a partir da comida, são de extrema relevância para a compreensão dos fenômenos sociais que se desencadeiam a partir da alimentação, seja ela doméstica ou extradoméstica. Nesse sentido, definições de cunho empírico e teórico/analítico podem contribuir em um sentido mais amplo, escapando as definições normativas utilizadas pelos órgãos oficiais ao definirem o fenômeno do comer fora de casa.

Porém, alguns aspectos relativos aos próprios bancos de dados são passíveis de serem melhorados em futuras coletas e registros de informações. Como exemplo, pode-se citar a uniformização dos subcódigos entre Espanha e Reino Unido, sendo que o vocabulário alimentar e a compreensão cultural de cada população (país) talvez dificultem o preenchimento dos diários, que são estritamente dependentes dessa forma de registro individual. O mesmo poderia valer para o Brasil, sendo que tal iniciativa demandaria um debate conceitual

(empírico e teórico) e uma reorganização em termos de variáveis, pois seria capaz de prejudicar análises comparadas com anos anteriores. Porém, tais mudanças poderiam ser acompanhadas de mecanismos de readequação para que os registros anteriores possam ainda ser utilizados. Seria importante também que o Brasil começasse a realizar as POFs anuais (contínuas), para que, assim, análises comparativas pudessem conter registros históricos mais longos.

Tais perspectivas justificam e reafirmam a necessidade de haver pesquisas qualitativas que contribuam com um olhar empírico e teórico mais complexo e abrangente sobre a realidade social, especialmente sobre o fenômeno do comer fora de casa. O principal argumento é de que o número de variáveis que influenciam o comportamento dos indivíduos em comer ou não fora de casa, bem como suas justificativas, são muito amplas para serem analisadas somente do ponto de vista quantitativo, pois como salienta Contreras e Gracia (2005), a alimentação é um fenômeno biocultural, sendo abarcado pelas dimensões dos eventos (espaço, tempo e sociabilidade), da incorporação e dos menus, como complementa Warde (2016), o que torna a gramática e a sintaxe dos pratos culturalmente e socialmente ainda mais complexos.

As pesquisas oficiais contribuem com alguns aspectos, principalmente relativos aos gastos. Mas para aprofundar as reflexões sobre determinados temas, em especial ao que interessa nesse artigo, que é o ato de comer fora do ambiente doméstico, outras metodologias, variáveis e dimensões devem ser utilizadas, demandando outros projetos de pesquisa que contribuam com outras fontes de dados. Essa perspectiva abre um amplo leque de possibilidades para pesquisas dentro do campo da sociologia da alimentação e do consumo, sendo bem-vindas as que aprofundem, do ponto de vista sociológico, a compreensão sobre o fenômeno do comer fora de casa.

Caso seja oportuno, seria importante pensar em agendas de pesquisas internacionais que tenham um entendimento comum sobre os aspectos metodológicos e teóricos, com vistas a suprir parte dos problemas percebidos aqui nos dados oficiais, qualificando as análises comparadas e oportunizando avanços sobre os debates e as reflexões em torno desse fenômeno social emergente na sociedade contemporânea.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Livia. A ética e a estética na alimentação contemporânea. *In*: CRUZ, Fabiana T., MATTE, Alesandra; SCHNEIDER, Sergio. (Orgs.). *Produção, consumo e abastecimento de alimentos: desafios e novas estratégias*. Porto Alegre: UFRGS, 2016, p. 95-124.

- _____. *Feijão com arroz: O Brasil no prato dos brasileiros*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez., 2007.
- BEZERRA, Ilana N; *et al.* Consumo de alimentos fora do domicílio no Brasil. *Revista Saúde Pública*, n. 47 (supl.), 2013, p. 200-211.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2ª ed. Editora Zouk, Porto Alegre, RS, 2011 [1979].
- BURNS, Cate, *et al.* Foods prepared outside the home: association with selected nutrients and body mass index in adult Australians. *Public Health Nutrition*, v. 5, n. 3, 2002, p. 441-448.
- BEARDSWORTH, Alan.; KEIL, Teresa. *Sociology on the menu: an invitation to the study of food and society*. London and New York: Routledge, 1997.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. 8ª ed. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- CONTRERAS, Jesús H; GRACIA, Mabel A. *Alimentación y Cultura: perspectivas antropológicas*. Editora Ariel, Barcelona, 2005.
- Department for Environment, Food & Rural Affairs (DEFRA). Food statistics pocketbook 2015. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/statistics/food-statistics-pocketbook-2015>>. Acesso: 27 mar. de 2016.
- _____. Family food methodology. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/publications/family-food-methodology>> . Acesso: 26 mar. de 2016.
- DÍAZ MÉNDEZ, Cecilia; ESPEJO, Isabel, G. La mirada sociológica hacia la alimentación: análisis crítico del desarrollo de la investigación en el campo alimentario. *Política y Sociedad*, v. 51, n. 1, 2014, p. 15-49.
- DÍAZ MÉNDEZ, Cecilia; *et al.* Hábitos alimentarios de los españoles. *Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente (MAGRAMA)*, Madri, Espanha, 2013, 157 p.
- DIAZ MENDEZ, Cecilia; *et al.* Análisis crítico de las fuentes estadísticas de consumo alimentario en España: Una perspectiva sociológica. *Reis, Revista Espanhola de investigaciones Sociológicas*, v. 110, n. 5, 2005, p. 117-136.
- EPTER, Anthony. *Eating out in modern American society: why people make the choice to eat outside the home?* 2009. 155 f.. Dissertação (Mestrado em Ciências com especialização em Nutrição e Ciências Alimentares) Universidade de Vermont, Burlington (Vermont/EUA), 2009.
- GALINDO, Flávia, L. O. C. *Comendo Bem, que Mal Tem? Um Estudo Sobre as Representações Sociais dos Riscos Alimentares*. 2014. 256 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) -

- Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Rio de Janeiro, 2014.
- GARCIA, Keilla R.; GOMES, Joneval Z. A marmita como utensílio para a qualidade de vida: o perfil do consumidor brasileiro. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Anais... Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2016. Disponível em: <<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao/article/view/2083/1832>> Acesso: 31 mai. de 2017.
- GONZALES, Rodrigo, S. O método comparativo e a ciência política. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 2, n. 1, 2008, p. 1-12.
- GORGULHO, Bartira M. *Alimentação fora do lar e sua relação com a qualidade da dieta de moradores do município de São Paulo: estudo ISA-Capital*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Disponível em: <<https://metadados.ibge.gov.br/consulta/dthPesquisa.aspx?codPesquisa=PD>>. Acesso: 22 abr. de 2016.
- _____. Manual do agente de pesquisa POF 2008/09. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiWwa-xxcDMAhUJH5AKHfISB7wQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.ibge.gov.br%2Fvisualizacao%2Finstrumentos_de_coleta%2Fdoc2625.pdf&usg=AFQjCNF-jZoApJWsnALygVwb62vfKcEZ4Q&cad=rja>. Acesso: 25 abr. de 2016.
- Instituto Nacional de Estadística (INE). Encuesta de Presupuestos Familiares (1980-1981). Disponível em: <<ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>>. Acesso: 3 mar. de 2016.
- _____. Encuesta de Presupuestos Familiares (1990-1991). Disponível em: <<ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>>. Acesso: 3 mar. de 2016.
- _____. Encuesta de Presupuestos Familiares (2006). Disponível em: <<http://www.ine.es/metodologia/t25/t2530p458.pdf>>. Acesso: 3 mar. de 2016.
- JULIER, Alice P. Meals: "Eating in" and "Eating out". In: MURCOTT, Anne; BELASCO, Warren; JACKSON, Peter. *The handbook of food research*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2013, p. 338-351.
- MENNELL, Stephen; MURCOTT, Anne; OTTERLOO, Anneke, H. van. (1992). *The sociology of food: eating, diet and culture*. London: SAGE Publications, 1992.
- XIAOMIN, Yang. *La fonction sociale des restaurants en Chine*. Paris: L'Harmattan, 2006.

Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente (MAGRAMA). La alimentación en España (2006). Disponível em: <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-06_tcm7-7808.pdf>. Acesso: 10 mar. de 2016.

_____. Metodologías (2009). Disponível em: <<http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-de-consumo-alimentario/metodologia/default.aspx>>. Acesso: 10 mar. de 2016.

_____. Estudio sobre el mercado extradoméstico de alimentación (2013). Disponível em: <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/Variables_de_Demanda_Extradom%C3%A9stica_2013_tcm7-321941.pdf>. Acesso: 10 mar. de 2016.

_____. Informe del consumo de alimentación en España (2014). Disponível em: <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/informeconsumoalimentacion2014_tcm7-382148.pdf>. Acesso: 11 mar. de 2016.

ORFANOS, P; *et al.* Eating out of home: energy, macro- and micronutrient intakes in 10 European countries. The European prospective investigation into cancer and nutrition. *European Journal of Clinical Nutrition*, v. 63, n. 4, 2009, p. 239-262.

PITTE, Jean-Robert. Nascimento e expansão dos restaurantes. In: MASSINO, Montanari; JEAN-LUIS, Flandrin. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1998.

REZENDE, Daniel C; AVELAR, Ana Elisa S. Factors that influence the consumption of food outside the home in Brazil. *International Journal of consumer studies*, v. 36, n. 3, 2012, p. 300-306.

SANTOS, André, M. Quando comparamos para explicar desenhos de pesquisa e sequência temporais na investigação de instituições políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 80, 2012, p. 203-217.

SOUTHERTON, Dale; DÍAZ-MÉNDEZ, Cecilia; WARDE, Alan. Behavioural Change and the Temporal Ordering of Eating Practices: A UK-Spain Comparison. *International Journal of Sociology of Agriculture and Food*, v. 19, n. 1, 2011, p. 19-36.

SOUTHERTON, Dale. Habits, routines and temporalities of consumption: from individual behaviours to the reproduction of everyday practices. *Time & Society*, v. 22, n. 3, 2012, p. 335-355.

United Nations Statistics Division. Classification of Individual Consumption According to Purpose (COICOP). Disponível em:

<<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=5>>. Acesso: 14 abr. 2016.

_____. Class: 11.1.1 - Restaurants, cafés and the like (S) (COICOP). Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcs.asp?Cl=5&Lg=1&Co=11.1.1>>. Acesso: 14 abr. de 2016.

Office for National Statistics (ONS). Family Spending. Disponível em: <<https://www.ons.gov.uk/searchpublication?q=family%20expendign>>. Acesso: 27 mar. de 2016.

_____. Survey methodology: Appendix B. Disponível em: <<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/personalandhouseholdfinances/incomeandwealth/compendium/familyspending/2014-12-02/surveymethodologyappendixb/pdf>>. Acesso: 27 mar. de 2016.

UK Data Service. National Food Survey (NFS). Disponível em: <<https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=2000034#access>>. Acesso: 25 mar. de 2016.

_____. Family Expenditure Survey (FES). Disponível em: <<https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=200016>>. Acesso: 25 mar. de 2016.

WARDE, Alan. *Consumption, food and Taste: culinary antinomies and commodity culture*. SAGE publications, Londres/Reino Unido, 1997.

WARDE, Alan. *The practice of eating*. Cambridge: Polity, 2016.

WARDE, Alan; CHENG, Shu-Li; OLSEN, Wendy; DALE, Southerton. Changes in the practice of eating: a comparative analysis of time-use. *Acta Sociologica*, v. 50, n. 4, 2007, p. 363-385.

WARDE, Alan; MARTENS, Lydia. *Eating out: social differentiation, consumption and pleasure*. Ed. Cambridge University Press: New York/USA, 2003 [2000].

SCHUBERT, Maycon, Sergio Schneider e Cecilia Díaz Méndez. O "comer fora de casa" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação. *Estudos Sociedade e Agricultura*, junho de 2017, vol. 25, n. 2, p. 276-304, ISSN 2526-7752.

Resumo: (O "comer fora de casa" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação). O objetivo do presente artigo é analisar comparativamente os bancos de dados oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido, sobre os dados relativos aos gastos realizados com alimentação, especialmente "fora de casa", comparando suas metodologias, conceitos e organização. Nesse sentido, os estudos comparados, que busquem identificar diferenças e similaridades em distintos contextos sociais, econômicos e culturais, contribuem com a compreensão deste fenômeno, sendo as fontes de dados estatísticos oficiais uma das formas possíveis de investigação, apesar dos seus limites em termos de confluência metodológica. As principais fontes de dados oficiais provêm dos órgãos de pesquisa responsáveis em cada país. No Brasil, a principal fonte de dados oficiais advém das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Espanha, a principal fonte de dados oficiais advém das *Encuestas de Presupuestos Familiares* (EPF base 2006), conduzidas pelo *Instituto Nacional de Estadística* (INE) e do bloco *Encuesta del Consumo Extradoméstico* conduzida pelo *Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente* (MAGRAMA). Por fim, no Reino Unido, as principais fontes de dados advém das pesquisas *Living Costs and Food Survey* (LCF), conduzidas pelo *Office for National Statistics* (ONS) e pelos relatórios *Food Statistics Pocketbook* redigidos pelo *Department for Environment, Food and Rural Affairs* (DEFRA). Os resultados nos indicam que há muitas dificuldades em analisar os bancos de dados oficiais com respeito ao fenômeno "comer fora de casa", seja em virtude das limitações dos dados em si, ou mesmo em razão das limitações em se realizar análises comparadas de forma direta.

Palavras-chave: sociologia da alimentação, comer fora de casa, orçamento familiar.

Abstract: ("Eating out" in Brazil, the United Kingdom and Spain: a review of the official statistics). The objective of this article is to compare the official databases of three countries, Brazil, Spain and the United Kingdom, on the data related to food expenses, especially "eating out", comparing their methodologies, concepts and organization. In this sense, comparative studies that look to differences and similarities in different social, economic and cultural contexts contribute to the understanding of this phenomenon, and official statistical data sources are one of the possible forms to investigation, despite their limitations in terms of methodological confluence. The main sources of official data come from the responsible research institutes in each country. In Brazil, the main source of official data comes from "*Pesquisa de Orçamentos Familiares*"

(POF), conducted by "Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística" (IBGE). In Spain, the main source of official data comes from "*Encuestas de Presupuestos Familiares*" (EPF base 2006), conducted by "Instituto Nacional de Estadística" (INE) and the "*Encuesta del Consumo Extradoméstico*" conducted by "Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente" (MAGRAMA). Finally, in the United Kingdom, the main sources of data are the *Living Costs and Food Survey* (LCF), conducted by the *Office for National Statistics* (ONS) and the *Food Statistics Pocketbook* drawn up by the *Department for Environment, Food and Rural Affairs* (DEFRA). The results indicate that there are many difficulties in analyzing the official databases with respect to the "eating out" phenomenon, either because of the limitations of the data themselves or because of the limitations in performing comparative analyses in a direct way.

Keywords: Sociology of Food, eating out, family budget.

Recebido em abril de 2017.

Aceito em maio de 2017.